

Vivenciar-Sentir-Narrar a EJA: uma proposta antro-po-artística

Experience-Feel-Narrate the EJA: a anthropo-artistic proposal

Katiuci Pavei¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS

Porto Alegre, Brasil

katiuci.pavei@ufrgs.br

<http://orcid.org/0000-0001-5729-8133>

Laura Aggens Schmidt²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS

Porto Alegre, Brasil

laura071202@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-7141-6248>.

Recebido em: 05 de maio de 2025

Aceito em: 08 de junho de 2025

¹ Docente de Educação Básica no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, pesquisadora associada ao Núcleo de Antropologia Visual / NAVISUAL, Mestre em Educação, Licenciada e Bacharela em Ciências Sociais pela mesma instituição.

² Graduanda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi bolsista de extensão do *Projeto Imagens e Retratos da EJA* durante a proposição da exposição “O que me arrancou da escola”. Também, pelo mesmo vínculo, participou como apoio técnico, nas áreas de expografia e curadoria de outras exposições que foram realizadas dentro do projeto.

Resumo

Relato de experiência etnográfico engendrado a partir da produção de grafias diversas em Antropologia, envolvendo a realização de uma exposição multimodal (mostra fotográfica - instalação artística - performance) intitulada *O que me arrancou da escola* que integrou a programação de atividades especiais do *VII Congresso ALA: Las antropologías hechas en América Latina y el Caribe en contextos urgentes: violencias, privilegios y desigualdades*, em Rosário, na Argentina (2024). Aqui, nos dedicamos a revisitar pelo exercício de memória as vivências e os sentimentos despertados a fim de pensar as possibilidades de uma criação antro_p_artística que buscou refletir sobre a evasão escolar por meio das potencialidades do uso das imagens. Através de um projeto com conexões triangulares, nos estabelecemos nos atravessamentos entre atividades pedagógicas na educação básica (realizadas junto com estudantes da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos/EJA), de pesquisa etnográfica (sobre as imagens e trajetórias estudantis) e de ações de extensão (que extrapolam os muros escolares e acadêmicos).

Palavras-chave: Antropologia visual. Relato de experiência. Exposição. Performance. Educação de Jovens e Adultos.

Abstract

Ethnographic experience review provoked by the production of a Anthropology with different languages, involving the making of a multimodal exhibition (photographic exhibition - artistic installation - performance) entitled *O que me arrancou da escola*, which was part of the program of special activities at the *VII Congresso ALA: Las antropologías hechas en América Latina y el Caribe en contextos urgentes: violencias, privilegios y desigualdades*, in Rosario, Argentina (2024). Here, we bring ourselves to revisit, through the exercise of memory, the experiences and prospered feelings in order to think about the possibilities of carrying out an antro_p_artistic creation that sought to reflect on school evasion through the potential of images. Through a project with triangular connections, we established ourselves at the intersections between pedagogical activities in basic education (carried out together with students from the Young and Adult Education/EJA teaching modality), ethnographic research (on student images and trajectories) and extension actions (which go beyond school and academic walls).

Keywords: Visual anthropology. Experience report. Exhibition. Performance. Young and Adult Education

Introdução: um convite

Apresentamos um relato de experiência que surge a partir da produção de grafias diversas em Antropologia, envolvendo a realização de uma exposição multimodal intitulada “O que me arrancou da escola” no *VII Congresso ALA: Las antropologías hechas en América Latina y el Caribe en contextos urgentes: violencias, privilegios y desigualdades*. Esta é uma obra composta por uma instalação artística e apresentação performática, que fez parte da programação de atividades especiais do encontro realizado em Rosário, na Argentina, em março de 2024 e foi elaborada a convite da Comissão Organizadora do Congresso da Associação Latinoamericana de Antropologia, enquanto desdobramento do Ensaio Fotográfico de mesmo título que participou da Mostra de Fotografia Etnográfica Documental do evento³.

Aqui, relatamos o processo de criação⁴ e, através de uma escrita que se veste de memória⁵, pretendemos refletir sobre esta experiência em campo específica e as suas reverberações para o tempo presente. Para isso, nos dedicamos a revisitar vivências que se passaram no *VII ALA* e a pensar o processo de criação de uma produção *antropo-artística*, que almejou produzir arte que incorpora elementos da antropologia, isto é, uma criação artística inspirada no pensar e agir antropológico, que está relacionada a uma iniciativa que surgiu do encontro etnográfico com estudantes da educação básica.

Vivenciar, sentir e narrar a EJA: relato de uma professora

Parto da perspectiva que é circunscrita pela minha experiência pessoal de professora e pesquisadora na área das Ciências Sociais na modalidade de ensino Educação de Jovens e

³ Cf. produções citadas através do site e instagram do evento, disponíveis em: <https://alacongresos.net/> e <https://www.instagram.com/alacongreso/>

⁴ Para a escrita deste relato, partimos da nossa experiência de professora-pesquisadora em escola de educação básica e a de bolsista de extensão. Especificamente a autora Katiuci, mobilizada por essas trocas com pessoas marcadas por trajetórias tão incríveis, pelos aprendizados cotidianos que teve em sala de aula, decidiu retornar também aos estudos, depois de 15 anos (esses marcados, pela experiência da maternidade e de docência na referida instituição escolar). Neste momento, enquanto doutoranda, caminhando sob a perspectiva de teorias antropológicas visuais e sensoriais, retorna a essas produções, pincelando análises pautadas em reflexividade, exercícios de memória e projetando o futuro da investigação.

⁵ Para refletir sobre os fios de memória que costuram esta narrativa, nos voltamos para os conceitos de Eckert e Rocha (2000; 2001) sobre continuidade do tempo e memória e seus impactos no fazer narrativo. Também, pensando os jogos de esquecimento e rememoração que são caros a este tema, como proposto por Benjamin (1994a; 1994b) como parte intrínseca da atividade narrativa e das possibilidades que dela surgem de afirmação do sujeito, das suas experiências e da sua relação com o mundo.

Adultos (EJA) do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp/UFRGS)⁶. Percebia que, para estabelecer uma relação dialógica na minha prática docente, precisava propor iniciativas que abordassem as percepções sobre o retorno à escola e ao cotidiano escolar. Não somente as diferentes motivações e compreensões do que é ser novamente estudante, bem como os desafios enfrentados nessa jornada. A escuta atenta a estas pessoas sobre suas trajetórias, suas tristezas e alegrias, bem como suas práticas de resiliência aos enfrentamentos diários engendrou em mim muitas emoções corporificadas e um repensar sobre a minha prática docente. Fui aprendendo a ser professora e antropóloga com as alunas e os alunos. Como destaca Ingold

Temos muito o que aprender, se nos permitimos ser ensinados por outros com experiências a partilhar (...) pelo que podem nos ensinar sobre o mundo. (...) Para a Antropologia, contudo, esse envolvimento é essencial. (...) Estudamos *com* as pessoas, ao invés de fazer estudo *sobre* elas. (...) os princípios de dar e receber estão no âmago da vida cotidiana. Mas esses princípios também são fundamentais para a prática do trabalho de campo antropológico. (Ingold, 2019: 12)

Nesse processo de experiência de campo de aprender e fazer-me docente, sentimentos e emoções foram sendo despertadas com o que fui observando, ouvindo, lendo e produzindo. Emoções como tristeza, dor, raiva, impotência e compaixão diante de relatos discentes de vivências dolorosas, assim como alegria, amorosidade, gratidão e esperança diante de forças e agenciamentos por mudanças para uma vida melhor. O meu envolvimento próximo e afetivo com essas pessoas também fez surgir à vontade de produção de visualidades para externalizar os meus e os nossos sentimentos, as minhas e as nossas reflexões sobre o próprio status social que a EJA e seu público discente têm no nosso país. Desejei provocar emoções nas pessoas que tivessem contato com a proposta imagética, sendo tais emoções “corporificadas, ou seja, visíveis”, como destaca Gama (2016: 142). Assim a experiência de produção de grafias multimodais buscou se entrelaçar a esse duplo sentimental-sensorial.

Foi gerado, assim, o Projeto de Ensino-Pesquisa-Extensão “Imagens e Retratos da EJA”, que se alicerçou nas conexões triangulares estabelecidas nos atravessamentos entre atividades pedagógicas na educação básica (realizadas junto com estudantes da modalidade de ensino), de pesquisa etnográfica (sobre as imagens e trajetórias estudantis) e de ações de extensão (que extrapolam os muros escolares e acadêmicos).

⁶ Esse é um colégio da rede federal pública, que atende alunas/os do ensino fundamental e do ensino médio de Porto Alegre e Região Metropolitana, cujo ingresso ocorre na modalidade EJA como fluxo contínuo (em qualquer momento do ano), com vagas universais e de políticas afirmativas.

Imagens e Retratos de EJA: fazeres práticos e metodológicos

Por meio de atividades de ensino, que foram realizadas no colégio e elaboradas nos moldes de oficinas⁷ de introdução à análise de imagens e construção da linguagem fotográfica e audiovisual resultaram práticas de criação de visualidades. Estas oficinas foram organizadas por uma equipe de profissionais de diversas áreas do conhecimento e envolveram a participação de estudantes, professoras/es, servidores/as, egressas/os e demais pessoas interessadas em pensar a escola e evocar reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos. Partimos do entendimento das oficinas enquanto espaços de promoção de “exercício ético e político, pois, ao mesmo tempo em que geramos material para análises, criamos um espaço de trocas simbólicas que potencializam a discussão em grupo em relação à temática proposta.” (Spink; Menegon; Medrado, 2014: 33). Propomos experiências que priorizaram a participação estudantil, enquanto agentes de ação e criação, através do desenvolvimento de atividades diversas que envolveram debates acerca da Educação de Jovens e Adultos e incentivaram reflexões que convocaram imagens. Bem como utilizamos as imagens produzidas no processo como catalisadoras de problematizações sobre os sujeitos estudantis da EJA, seus lugares na educação e nas políticas públicas, e nos espaços educativos que acolhem tal modalidade de ensino.

A pesquisa desenvolvida sobre as imagens e trajetórias escolares na EJA pretendeu ampliar as discussões sobre a modalidade e a política educacional, por meio da elaboração visual da interpretação da professora sobre narrativas estudantis e de análise das representações de trajetórias escolares estudantis, articulando as temporalidades do passado, do presente e do futuro dessas construções. Conforme Eckert (2013), às narrativas biográficas e de ciclos de vida podem ser uma ferramenta de pesquisa importante visando a compreensão das experiências humanas no tempo com suas diversas dimensões de duração, bem como, a relação entre o sujeito e a sociedade, refletindo uma dimensão coletiva inconsciente, que integra experiências individuais e coletivas, em uma construção subjetiva e mnemônica.

Enquanto proposta de extensão se propôs a ampliar a visibilidade em relação a EJA e seus sujeitos, através da divulgação de produções que são resultantes de expressões artísticas

⁷ As oficinas, em sua dupla articulação pedagógica e de estratégia de pesquisa, vêm integrando um componente curricular do Programa da EJA do colégio, que tem caráter eletivo, isto é, a cada semestre é ofertada à comunidade escolar diversas propostas de disciplinas com encontros semanais de 1h30min e pessoas interessadas se inscrevem. Em sua última edição realizada em 2023 realizamos a disciplina eletiva “Imagens da EJA: alfabetização e produção visual.”

da própria autora e de atividades que se aproximam de uma antropologia visual compartilhada com discentes do ensino fundamental e médio da modalidade. Nesse ínterim, as produções e saberes mobilizados pela Antropologia extrapolam os muros escolares e são levados para um espaço digital no Instagram (@imagens_e_retratos_eja) e para espaços físicos culturais, como executado com as seguintes exposições realizadas em Porto Alegre: “O que me arrancou da escola”, no Fórum Central junto à Pinacoteca da Associação de Juízes do Rio Grande do Sul/AJURIS (2023); “Condição estudantil e trabalhadora: desafios e motivações”, no Espaço de Artes da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre /UFCSPA/ (2024) e “Estudantes da EJA: sujeitos/as/es de direitos” - Antropologia Visual Ocupa MARS, promovida pelo Museu de Antropologia do Rio Grande do Sul e exposta no Espaço Força e Luz (2025). Bem como, a participação em apresentações em eventos acadêmicos, mostras visuais e publicações.⁸

Na estratégia pedagógica e de pesquisa, utilizei os encontros para propor atividades direcionadas - questionamentos, escritas, conversas e atividades de produção visual - mas sem caráter avaliativo. Assim, explicando expressamente que as formas de conhecer e de compreender produzidas só seriam compartilhadas extra encontro com consentimento, na tentativa de diminuir o quesito de obrigatoriedade (para ter uma nota, por exemplo) e ampliar o interesse em participar. Essas ações foram baseadas em dinâmicas de negociações que, porém, não se pode deixar de registrar estavam atravessadas por relações de poder e moldadas de forma específica para a ocasião e a formação do grupo - uma vez que se tais atividades tivessem sido propostas por uma pesquisadora diferente, externa, resultariam em produções diversas das que aqui apresentamos.

Breves apontamentos sobre a EJA

Antes de relatar o processo de criação dessa exposição multimodal de grafias diversas, considero importante apresentar alguns apontamentos sobre a EJA no contexto brasileiro

⁸ Algumas participações em eventos e mostras: “Imagens e instalações de resiliências: o experimentar de uma professora da/sobre a EJA”. 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024). “Mãos que estudam – Mãos que trabalham.” 48 Encontro anual ANPOCS (2024) _ Prêmio Ana Maria Galano. “Mesas estudantis-trabalhadoras” - 4ª Mostra digital de ensaios visuais _ NAVIS/UFRN (2024). Sequência fotográfica: “EJA: Lugar de Retorno, Resgate, Recomeço e reconhecimento”. Participação no - 7o Festival e Mostra de Audiovisual do NUPEPA/ImaRgens, _ Universidade de São Paulo (LAPS), Universidade Nova de Lisboa (ICNOVA), 2024, sendo obra finalista do prêmio do júri especial. Publicações: PAVEI (2024a, 2024b, 2021, 2019a, 2019b)

atual. A Educação de Jovens e Adultos no Brasil já sofreu, ao longo de sua história, momentos ora de apoio, como a criação de programas governamentais, ora de revés, com cortes de financiamento e de políticas públicas, remetendo à iniciativa privada e à filantropia a responsabilidade de atendimento. Além disso, houve mudanças na própria concepção de embasamento, envolvendo a ideia de formação com ênfase na humanística, na técnica ou na profissionalizante, de educação popular, de foco mercadológico, entre outros (Gadotti e Romão, 2011).

Atualmente é uma política educacional pública voltada para a formação de sujeitos jovens, adultos e idosos, que deve ser oferecida em sistemas gratuitos de ensino, com oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características, interesses, condições de vida e de trabalho do cidadão (Brasil, 2000). Demarca-se o dever do Estado para todos aqueles que não têm escolaridade básica, independentemente da idade (Haddad, 2006), promovendo o princípio constitucional de “garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida” (Brasil, 1988, art. 206 IX). Como reflete Rocha (2005), ao se referir à EJA ofertada em Porto Alegre pela GEEMPA (Grupo de estudos sobre educação e metodologia de pesquisa e ação) e suas assertivas embasadoras:

A assertiva “todos podem aprender” mostra que nós, seres humanos, não somos limitados por nossas diferenças; pelo contrário, que precisamente por conta delas é que as sociedades humanas são profundamente criativas em processos de compreensão e aprendizagem. [...] A outra assertiva “não se nasce inteligente, nos tornamos inteligentes aprendendo” [...] negando as hipóteses do determinismo natural ou biológico. (Rocha, 2005: 21).

É a modalidade que recebe o menor investimento público⁹, cuja receita em 2014 era de R\$679 milhões e em 2020, R\$25 milhões, conforme o site Siga Brasil do Senado Federal. Apesar da alta demanda, uma vez que, a maioria da população brasileira não concluiu a Educação Básica (aproximadamente 71,3 milhões de pessoas). Além disso, atualmente cerca de 11,4 milhões de brasileiros/as com mais de 15 anos não estão alfabetizados/as, de acordo com o Censo Demográfico 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023).

De acordo com o Censo Escolar da Educação Básica, em 2023, havia 2,5 milhões de pessoas matriculadas no Brasil, sendo 2,3 milhões na rede pública e cerca de 200 mil na rede

⁹ Vale destacar que o atual Ministério da Educação (MEC) lançou no dia 6 de junho de 2024 o Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação da Educação de Jovens e Adultos, a fim ampliar os investimentos (R\$ 4 bilhões), ofertar 3,3 milhões de novas matrículas da EJA, retomar Programa Brasil Alfabetizado (PBA) com 900 mil vagas e distribuir 60 mil bolsas para educadores populares. (MEC, 2024).

privada. A maioria das/os estudantes tem menos de 40 anos, representando 65,1% das matrículas. Dentro desse grupo etário, 52,1% são do sexo masculino. Por outro lado, as mulheres representam 59,2% das matrículas entre aquelas/es com mais de 40 anos. Observa-se também que discentes identificadas/os como negras/os são a maioria nesse nível de ensino, totalizando 74,9%; no ensino fundamental, esse percentual é de 77,7% e no ensino médio, 70,7% (Brasil, 2023). A reflexão de Crenshaw (2002) sobre interseccionalidade pode ser aplicada à Educação de Jovens e Adultos (EJA), ajudando a entender as complexas dinâmicas de poder que afetam o público estudantil dessa modalidade.

Em relação ao grupo com o qual trabalhei, especificamente em 2023, que me inspirou a criar a obra “O que me arrancou da escola”, apresento uma breve descrição do corpo estudantil. As informações foram coletadas por meio das fichas de inscrição, conversas e observações em sala de aula. Esse grupo era bastante diverso em termos de idade, gênero, etnia, religião, trabalho e estilos de aprendizagem. Durante o ano, cerca de noventa pessoas começaram a frequentar as aulas, com idades variando de dezoito a setenta anos. A maioria estava na faixa de vinte a quarenta e cinco anos, sendo predominantemente negra, e um pouco mais da metade eram homens. Em relação à religiosidade, muitos se declaravam fiéis de igrejas evangélicas, enquanto outros pertenciam a religiões de matriz africana.

No que diz respeito ao trabalho, a maioria estudantil era composta por trabalhadoras/es do setor de serviços, com destaque para atividades de limpeza, cuidados de terceiros e comércio, especialmente vendas e alimentação. Diversos exerciam atividades informais ou autônomas, como profissionais da beleza ou motoristas de aplicativo. Também havia empregadas/os por empresas terceirizadas que prestam serviços à universidade. Além deles, havia aquelas/es que estavam em busca de emprego ou que conseguiam se dedicar exclusivamente aos estudos, sendo que esses últimos eram, em sua maioria, mais jovens e ainda não tinham conseguido um trabalho.

Quanto à renda mensal, a maioria recebia até dois salários-mínimos, e aqueles que se dedicavam aos afazeres domésticos não recebiam remuneração. As pessoas residiam, em sua maioria, em bairros da zona leste de Porto Alegre, como Lomba do Pinheiro e Agronomia, especialmente na vila Herdeiros. Também havia moradoras/es da cidade de Viamão, que fica próxima à escola, situada na divisa das duas cidades dentro de um campus universitário. Pessoas que se afastaram da escola recentemente, em um período de um ou dois anos, geralmente após o ensino médio regular, enquanto outras estavam afastadas há mais tempo.

Algumas delas já tinham voltado a estudar na modalidade EJA, mas precisaram sair novamente. Uma questão que se destaca na composição estudantil da EJA é a proximidade entre as/os alunas/os, que frequentemente relataram ter parentes, vizinhas/os e conhecidas/os em comum, tanto entre os que ainda frequentavam a escola quanto entre as/os egressas/os.

Processo criativo: o fazer de “O que me arrancou da escola”

A ideia se estendeu em um projeto que a autora (em sua posição como professora-pesquisadora-artista, como discutido neste texto) almejou se aproximar de uma conexão entre a antropologia visual e sensorial (Ingold, 2008; Pink, 2007) que provocasse experiências corporificadas e que fossem agenciamentos de conhecimentos outros, levando em conta a imersão da autora e das/os estudantes em um espaço social, sensorial e material específico, marcado por relações de poder e por circunstâncias que afetaram as imagens e produções aqui apresentadas.

Na obra, “O que me arrancou da escola”, pretendeu-se dar a ver fragmentos narrativos e expressar de forma figurada a interpretação da professora-autora sobre as reminiscências das razões pelas quais as pessoas vitimadas pelo processo de evasão escolar atribuem a interrupção da trajetória escolar e que retornaram aos estudos na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos.

Consideramos que esta não é uma discussão óbvia ou recorrente no campo, destacando a importância de trazer para a esfera pública e para o debate escolar as suas ramificações, que estruturam a nossa sociedade desigual. Além disso, pensamos nas possibilidades que estas obras oferecem para pensar o processo de desculpabilização individual dessas pessoas mais vulneráveis, em circunstâncias fora de seu controle e que cercam o sentimento de vergonha, fracasso, impostos no indivíduo por experiências de evasão anteriores: “eu desisti de estudar” ou “escolhi sair da escola”. Essa perspectiva é reforçada pela naturalização do fracasso escolar do discurso social mais amplo, que entende o estudante como o único agente responsável por sua trajetória escolar.

O discurso individualizante reaparece na figura do estudante da EJA como um herói ou uma heroína, enquanto pessoa resiliente, que tem sua jornada de retorno dependente unicamente de sua própria vontade. Assim, ignoram-se as condições necessárias para a permanência nas escolas com qualidade, e isso aumenta os desafios enfrentados por

aquelas/es que são trabalhadoras/es. Entre esses desafios, estão: horários de trabalho, que muitas vezes são irregulares e prolongados pelas/os empregadoras/es, geralmente sem pagamento extra; a falta de dinheiro para se deslocar até a escola, comprar materiais escolares ou vestir roupas adequadas ao clima; a redução do transporte público; a violência nas proximidades da escola ou nos bairros onde residem; problemas de saúde, frequentemente causados pela falta de acesso a cuidados médicos, alimentação adequada ou pela exposição a riscos, como trabalhar sem equipamentos de proteção; a busca por emprego para aquelas/es que estão desempregadas/os; e a exaustão física e mental, entre outros. Para grupos sociais vulneráveis, enfrentar riscos é algo comum. Na modalidade de ensino, a rotatividade e a evasão são altas, como se pode notar ao comparar o número de alunas/os matriculadas/os com quem realmente conclui seus estudos. A falta de escolaridade ou a baixa escolaridade resultam em desigualdades no acesso ao mercado de trabalho e na remuneração, perpetuando o ciclo de desigualdades. A seguir, retomamos relatos de estudantes que em 2023 participaram ativamente da proposta de oficinas e do exercício de criação de suas narrativas visuais.¹⁰

É o caso de Gabriel, que em seu texto nos explicava:

Meu nome é Gabriel, tenho 22 anos e moro em Viamão, sou estudante do colégio de aplicação UFRGS, estou no terceiro ano do ensino médio. Tive que parar de estudar por causa da minha vó. Ela teve algumas complicações médicas e tive que ficar com ela em casa. Dois anos depois voltei com tudo para conseguir meu diploma do ensino médio.

Compartilhamos um pouco da história e das reflexões de João, 20 anos:

Bom, eu interrompi por conta da pandemia que desanimou a voltar estudar, por isso que não voltei. (...) O que tá me motivando é terminar o ensino médio é fazer uma faculdade pra dá uma vida boa pra minha família. (...) a foto que me representa o que sou, minha sexualidade. Você já imaginou ser agredido apenas por existir? E por abraçar, beijar ou andar de mãos dadas com alguém que você ama? A população LGBT já!

¹⁰ Também resultaram em apresentações delas e deles em eventos e exposições - como a “Sobre o ser e o estar sendo estudante”, na Galeria Olho Nu do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UFRGS (2024-2025), na “Condições de estudo-trabalho: desafios da EJA”, Sala de aula pública no Espaço Força e Luz / POA (2023) e na Mostra UFRGS de Extensão (2023). Nestas três ocasiões estudantes participantes do projeto compartilharam suas narrativas de trajetórias de vida e escolares, bem como, suas produções imagéticas.

Joseane, com 28 anos, nos conta:

Desde criança sempre sonhei em me formar, mas com empecilhos que surgiram, aí tive que largar a escola com 15 anos para trabalhar, para ajudar em casa. Mas decidi que nunca é tarde e que aqui estou no ensino médio e em 2024 me formarei com a graça de Deus.

Outro relato envolvia o estudante Matias, com 27 anos:

Meu nome é Matias M. da S. Meu sonho é ser fotógrafo. Sou evangélico e adoro tirar fotos. Desde o meu tempo de escola, tive desafios, como dificuldade para enxergar, assim como para ler e escrever. Falas de professores dessa época me traumatizaram até hoje: era chamado de “burro”. Em casa não era diferente, escutava o mesmo de meu pai.

André, 48 anos, compartilhou conosco:

Aos 11 anos de idade começo a trabalhar com meu pai, o meu “cargo” era servente de pedreiro. (...) Aos 16 anos nasce meu primeiro filho, eu já trabalhava há 2 anos de carteira assinada e não pensava em retornar aos estudos, o que importava era o salário e o filho. Por várias vezes pensei em retornar os estudos, mas sempre faltava alguma coisa e o que mais me faltava era coragem. (...) Minha maior dificuldade sou eu mesmo, o cansaço do dia a dia trabalhar. (...) Hoje acredito ainda mais na minha capacidade. Meus planos e projetos eu vou conquistar o meu espaço “antes tarde do que nunca”, dizia o ditado, ainda nesta vida serei um professor.

Essas razões vão além das vontades individuais das pessoas que enfrentam a evasão escolar, pois refletem desigualdades estruturais. Entre essas desigualdades estão: a necessidade de trabalho infantil e juvenil para a sobrevivência diante da fome, do custo de vida e do endividamento; os afazeres domésticos, especialmente para as mulheres, que muitas vezes são proibidas de continuar estudando; os cuidados com filhos pequenos, familiares idosos ou pessoas com deficiência; problemas de saúde física e mental, incluindo os efeitos da pandemia de Covid-19; o uso de drogas; a violência, tanto doméstica quanto pública, incluindo a perda de entes queridos; o encarceramento; e práticas discriminatórias, como racismo, sexismo, capacitismo, lgbtfobia e gordofobia. Além disso, as escolas muitas vezes são excludentes, reproduzindo estigmas e desigualdades e sem oferecer atendimento especializado, o que resulta em múltiplas reprovações e, conseqüentemente, na falta de tempo para lidar com tantas demandas.

Este ensaio continua a se desenvolver, pois, nas nossas conversas e apresentações, novos temas têm surgido e elementos adicionais estão sendo incorporados, como o trabalho infantil rural, a intolerância religiosa e as enchentes que afetaram o Rio Grande do Sul na época. O processo de construção desta série, que é alimentado por conversas e trocas, busca

trazer à tona problemas sociais e estruturais que afetam a realidade dos estudantes da EJA. Esse esforço é contínuo e se atualiza com novos acontecimentos e desafios do cotidiano.

O projeto utiliza a sala de aula como um espaço etnográfico, onde objetos escolares e outros elementos são organizados para contar histórias e refletir sobre as experiências estudantis. Essa abordagem se fundamenta nas ideias de autores como Ingold (2008) e Pink, (2007) que discutem a importância do espaço físico e das práticas cotidianas na construção de significados. Portanto, a realização desse ensaio visual multimodal, a partir das narrativas orais e escritas de estudantes foi possível a partir da criação de instalações e a utilização do recurso de reconstrução de um lugar etnográfico físico-vivido-aberto-amaranhado e em movimento uma sala de aula do nosso próprio colégio, performando elementos escolares como mesas-cadeiras, cadernos, quadro, bem como objetos representativos das temáticas abordadas. Isso ressoa com a ideia de Appadurai sobre a importância do espaço na circulação de mercadorias e na formação de identidades. O ambiente escolar é tanto um espaço de aprendizagem quanto de exclusão, refletindo as dinâmicas sociais que moldam a experiência educativa.

Os objetos não foram escolhidos de forma aleatória, ao contrário, tal materialidade é moldada por suas interações sociais, desempenhando um papel ativo na construção de identidades e significados. Tal ideia está alinhada com a perspectiva de Appadurai (1986), que argumenta que os objetos ao marcar e serem marcados pelo mundo social que os cerca participam ativamente na construção de significados, de identidades, de políticas e do jogo de relações que estão inseridos. Conforme proposto pelo autor, podemos considerar os objetos escolhidos e o valor que lhes atribuímos em relação às identidades dos estudantes da EJA, levando em conta suas histórias e contextos sociais. Esse processo é essencial para a construção da identidade do sujeito, pois a memória, tanto coletiva quanto individual, desempenha um papel crucial em entender como esses objetos adquirem significado e como eles podem evocar reflexões sobre a evasão escolar e os desafios enfrentados por essas pessoas.

Após montar cada cena, fui retratando-a com o uso de equipamentos como o celular e a câmera digital. Tal proposta se alinha à perspectiva de Miller (2013), uma vez que dá a ver e a sentir tais objetos, que no dia a dia não “os vemos”, não os questionamos ou não temos consciência deles, ao serem deslocados e tornados centro da obra e das imagens percebe-se que "as coisas fazem as pessoas tanto quanto as pessoas fazem as coisas." (p.200). A

importância da cultura material e como os objetos não são meras representações de significados, mas agentes sociais ativos que participam ativamente na construção do eu, na formação das experiências humanas e na construção de significados sociais. Sendo que tal materialidade dos objetos escolhidos no projeto contribuem para pensar a formação e expressão das identidades dos estudantes.

Na construção dessas imagens foi pensada uma arquitetura escolar hostil, assim, na sala de aula (identificada pelo piso e rodapé) a cadeira estudantil foi colocada virada e sobre ela o caderno escolar fechado, sendo que acima dele (e não deixando-o abrir) o peso de objetos representativos que serviram de impeditivos para a continuidade de estar sendo estudante. A repetição do enquadramento serviu para pontuar assuntos diversos, porém dentro do mesmo campo semântico temático, compondo a série por vinte e quatro imagens.¹¹ Em uma extensão do entendimento de Akrich (2014: 161) sobre os objetos técnicos, esses “possuem um conteúdo político no sentido de que eles constituem os elementos ativos de organização das relações dos homens entre eles e com seu ambiente”. A intenção nessa proposta visual foi a de mobilizar esses objetos no ambiente escolar, que tem uma organização social, ultrapassando a simples descrição utilitarista de tais artefatos ou a descrição da realidade da escola, mas também tentar produzir uma reflexão politicamente pensada sobre evasão escolar, bem como uma crítica às estruturas que perpetuam a exclusão e as desigualdades sociais.

Para a Mostra de Fotografia Etnográfica Documental foram selecionadas cinco fotos, que representam, respectivamente, práticas e processos discriminatórios, especificamente racistas, por meio de uma boneca preta de modelo abayomi cercada por tachinhas de fixação pontiagudas viradas para cima; aprisionamentos diversos que extirpam liberdades (no caso encarceramento prisional); cuidados, por meio de uma chupeta de bebê; necessidade de trabalho, através de lata e pincel de tinta de obra civil e a fome, através de um prato com arroz e feijão, porém quebrado.

¹¹ Ensaio Fotográfico “O que me arrancou da escola”. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C4euFcBufFc/?igsh=MXd5bW9oMzR1MjN0OQ%3D%3D> Acesso em: 03 maio. 25

Figura 1 – “O que me arrancou da escola”, Mostra de Fotografia Etnográfica Documental¹²



Fonte: Comissão Organizadora VII ALA, março 2024.

Já na instalação remontada no *VII Congresso ALA*, parte dessa sala de aula hostil com alguns objetos foram expostos, com uma organização espacial que é recorrente nas escolas: cadeiras estudantis enfileiradas de frente ao espaço docente (geralmente com uma mesa e quadro de anotações). Visando a viabilidade de execução, optou-se por mobilizar oito objetos¹³ que não estavam nas fotografias da Mostra.

Assim, ficaram dispostos sobre cada caderno fechado, uma ampulheta, um boletim escolar com destaque a escrita em caneta vermelha reprovada; um porta retrato com foto de família rasgado; um aparelho auditivo, uma máscara de proteção individual de saúde; uma bandeira colorida do arco-íris fechada com uma corrente de ferro e cadeado fechado, uma carteira de bolso aberta sem dinheiro e um par de luvas de borracha com uma esponja de limpeza. O propósito inicial era evocar questões e reflexões sobre a falta de tempo para o estudo devido a gama de responsabilidades laborais e familiares; a escola como um espaço que também é excludente ao potencializar reprovações em série e “convidar” estudantes do ensino regular com alguma dificuldade para migrarem para a EJA, por considerarem “mais fácil”; os conflitos familiares, movidos por razões diversas e que proíbem a manutenção da

¹² Disponível em: <https://alacongresos.net/fotografia/o-que-me-arrancou-da-escola/> Acesso em: 03 maio. 25

¹³ Na escolha destes materiais precisei levar em conta também o transporte na minha mala de mão no voo internacional Brasil-Argentina.

peças criança ou adolescente na escola, principalmente as meninas, que são realocadas para o trabalho doméstico e familiar; as barreiras físicas, comportamentais, comunicacionais e sociais enfrentadas por pessoas com deficiência que não encontram no ambiente escolar um atendimento especializado e um acompanhamento adequado; os adoecimentos físicos-psíquicos-emocionais que atingem cada vez mais o público infante-juvenil, muitos catalisados pela própria experiência da pandemia de Covid; as múltiplas opressões, que estigmatizam grupos sociais como a população LGBTQIA+; a miséria e exploração econômica, que faz surgir a necessidade de trabalhar para promover minimamente o autossustento e o de terceiros sob responsabilidade, muitas vezes possibilitado por meio de realizado de postos de trabalho precarizados.

Nesta etapa de final de produção deste projeto visual multimodal, no qual também foram acionados os demais sentidos, passamos a percebê-lo como um projeto sensorial. Isto porque não há um enfoque exclusivo no apelo à visão, mas, o entendimento e compreensão de que os sentidos são interligados e inter-relacionados como destaca Pink (2007). Nesse sentido, a autora propõe que, ao falarmos sobre as nossas experiências e significados da nossa vida cotidiana, possamos levar em conta a experiência sensorial, a percepção sensorial e as categorias sensoriais, uma vez que o conhecimento está situado no corpo e na prática (Pink, 2010).¹⁴

¹⁴ A proposta de realizar no doutorado uma pesquisa que mobilize a etnografia sensorial, como abordagem metodológica, que não apenas estuda os sentidos, mas que é orientada por eles, trazendo à tona a dimensão vivida, subjetiva e cotidiana das experiências, conforme proposta por Pink (2007, 2010) é um dos desdobramentos dessa experiência aqui relatada.

Figura 2 – Imagem da instalação “O que me arrancou da escola”¹⁵



Fonte: Fabiene Gama, 14 março 2024

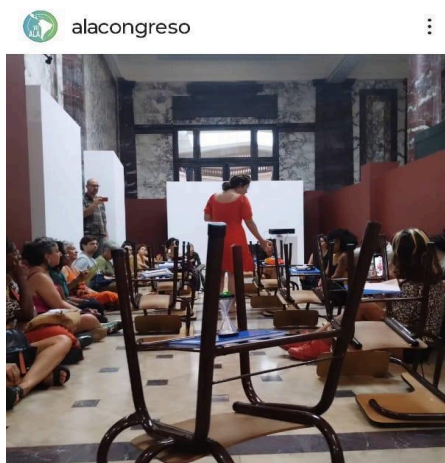
Ao compor instalações, enquanto lugar construído e tentar reproduzir por meio de objetos algumas cenas do cotidiano ou memórias, por meio de um exercício de imaginação, tais objetos traziam em sua materialidade e nas suas possíveis formas de recepção e interpretação pelo público a invocação das demais modalidades ou categorias sensoriais. Apesar de aqui listar como sentido inicial de/ em campo da instalação, a visão, em cada imagem revelada no papel (fotografia exposta) ou montada na versão tridimensional (instalação) invocava a sensorialidade múltipla. Por exemplo, na integração de subjetividades e sensorialidades, nesta instalação uma luva usada como equipamento de proteção individual no trabalho de limpeza que desperta o tato, também aciona o cheiro de produtos químicos, o som do trabalho, a lembrança do cansaço.

Pensando a performance, em sua perspectiva antropológica que põe em evidência um modo de enxergar o cotidiano como atos performativos que tanto dramatizam e comunicam, quanto reiteram e modificam os status sociais (Noletto, 2015) trago um pouco da minha experiência docente atravessada pelas histórias e narrativas discentes, bem como, a minha condição de estar voltando aos estudos via curso de doutorado. Inicialmente sentada, eu me apresento como uma professora (e também aluna), uma vez que o evento ocorreu nos primeiros dias em que iniciei a pós. Ao apresentar a minha história e fiz atravessamentos com

¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/navisual.ufrgs/>. Acesso em: 03 maio. 25

histórias a mim narradas, levantando dados educacionais brasileiros e uma reflexão sobre as causas sociais da evasão escolar.

Figura 3 - Imagem da performance¹⁶



Fonte: Wanda Balbé, 14 março 2024

Sobre a recepção de uma proposta antro-po-artística

Como uma das formas de se aproximar ainda mais as pessoas que visitaram a exposição e provocar interação, foi colocado um caderno de registros de impressões e de recados para as alunas e os alunos. Foi possível, assim, no retorno ao colégio, ler as mensagens de apoio, reconhecimento, de respeito e admiração, sendo escritas por pessoas de diversas idades, muitas emoções positivas foram expressas de forma coletiva. Destacando que tais interpretações da “estética do visível” são diversas, em níveis conotativos e denotativos, que são baseadas nas experiências pessoais, bagagem cultural, saberes, valores diferentes de/em cada pessoa, de acordo com Barthes (2012). E, assim, nos orienta Gama,

nenhuma antropóloga (visual ou não) é capaz de controlar a recepção e os usos do seu trabalho, ou mesmo uma “correta” compreensão do tema ou grupo estudado. O que podemos fazer é investir em meios de comunicação capazes de engajar as receptoras de nossos trabalhos de forma ativa na direção que desejamos seguir. (Gama, 2016: 144-145).

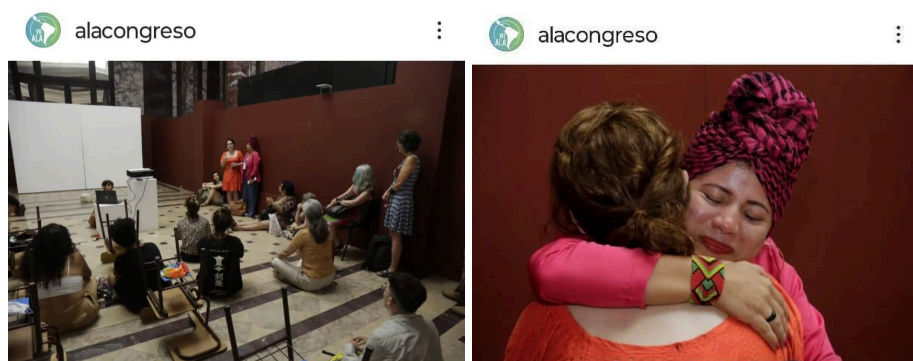
Percebendo essas constatações nos momentos de socialização durante as exposições, acompanhando os comentários e as reações que as pessoas estavam expressando, assim como, no próprio processo de construção quando os meus sentidos também foram sendo acionados

¹⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/p/C4gDIVsOldU/?img_index=4&igsh=MTY0ZnpvbmZzemx3. Acesso em: 03 maio. 25

movidos pelas memórias corporificadas perpassadas pelas subjetividades. Por meio de falas emocionadas, que resgataavam histórias de vidas e destacavam os sentimentos de estar sendo estudante e a projeção de futuro; olhos marejados e choros, que expressavam tanto tristeza quanto orgulho de suas trajetórias quanto a empatia com as demais.

Um momento especial e emocionante foi oportunizado pelo encontro com Polyana Almeida Frota Lima, na época mestranda em sociologia pela Universidade Federal do Maranhão. Ao final da apresentação, Polyana contou sobre sua trajetória escolar, que também foi marcada pela passagem pela EJA. Nós duas nos abraçamos e choramos juntas, pois é nessa conexão e partilha que acredito que a docência e a pesquisa se realizam.

Figuras 4 e 5 - Imagens da performance - encontro com Polyana Almeida Frota Lima¹⁷



Fonte: Wanda Balbé, 14 março 2024

Para Turner (1982; 1987) é através dos processos da performance que o escondido, o contido se revela, configurando uma parte essencial para a antropologia da experiência que neste relato movimentamos. Para pensar a escrita deste texto, foi possível uma nova troca com Polyana, possibilitada pela rede social que mantém a nossa conexão, reduzindo o distanciamento físico-espacial (ela no norte e nós no sul do nosso imenso país), engendrando novas emoções, através de suas palavras generosas:

¹⁷ Disponível em:
https://www.instagram.com/p/C5I9gYRP2R3/?img_index=8&igsh=MXRoNjRwbXNxdzdxMg%3D%3D
Acesso em: 03 maio. 25

Quando vi o título isso me deixou muito curiosa, então quando me deparei com a performance da professora, cada palavra, gesto e imagens/objetos contidos em cada cadeira virada para baixo, eu viajava na minha própria história/vida e pensei nas vezes em que eu também fui arrancada da escola e teimava em retornar. Eu sou do interior do Maranhão e comecei a estudar em escola na roça onde era um mesmo professor para todos e todas, a escola era coberta de palha e as paredes eram feitas somente até a metade e eram de barro. Cada passo que Katiuci dava naquele lugar parecia que ela movimentava junto a minha própria lembrança, eu não conseguia parar de chorar, ao mesmo tempo eu estava no passado, via a professora se movendo no presente da cena e aquilo era um movimento que parecia me convocar à vida que muitas vezes me foi roubada. Eu, na ocasião já aluna de mestrado me vi inteiramente naquelas cadeiras vazias e com todas as dificuldades expostas ali, como eu chorei, como tudo me tocou de maneira única.

Ao relembrar sua trajetória acadêmica, suas dores e alegrias, permitir-se conectar com a performance proposta, são reveladas as emoções que este processo escolar manifesta. Não somente pontuais que permitem esta primeira interação, no encontro da ALA em Rosário, mas também através dos fios de memória, que compõem e encaminham este novo relato.

Encerramento

Neste texto, buscamos apresentar fragmentos de uma proposta tríade gerada pela articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão acadêmica, que envolveu estudantes da educação básica em atividades que evocassem reminiscências, narrassem condições cotidianas e projetassem futuros desejados, através da e atravessados pela reflexividade. Assim como no próprio ofício da antropologia de produzir reflexão, se auto pensar e produzir materialidade (Ingold, 2015). Por meio das estratégias de produção e de potencialidades do uso das imagens buscou-se mobilizar, criar, incentivar e analisar as representações de trajetórias escolares estudantis, articulando as temporalidades do passado, o presente e o futuro dessas pessoas e ampliar as discussões sobre a EJA. Tal processo gerou o exercício de conhecer histórias de vida, imaginar imagens a partir das narrativas socializadas, eleger fotos do outro que pensasse situações e evocassem assuntos.

Especificamente na obra multimodal aqui detalhada “O que me arrancou da escola”, pretendemos dar a ver e evocar reflexões sobre o processo de evasão escolar anterior, que retirou do espaço escolar crianças e adolescentes, que agora, retornam aos estudos via a modalidade Educação de Jovens e Adultos, agenciando sonhos e projetos futuros. A ideia se estendeu em um projeto criativo de construção ficcional de lugares, cenas e performances, inter-relacionando memória e sensorialidades individuais e coletivas. Nesse sentido, fez-se

surgir um trabalho de campo que tentou provocar experiências sensoriais corporificadas e que fossem agência de conhecimentos outros, levando em conta de estarmos imersas em um ambiente/lugar/espço social, sensorial e material específico - a escola - que é marcado por relações de poder e por circunstâncias que afetaram as imagens e produções aqui apresentadas. Assim o duplo experiência e percepção sensoriais foram atravessando nossos corpos nesses encontros etnográficos e práticas de expressividades, cujos resultados ficaram artísticos. Como uma espécie de jornada unindo a arte e a antropologia.

Outrossim, a agência de recepção e interpretação de outras pessoas visitantes, que em seus comentários destacaram que tal objeto ou imagem lembraram suas histórias de vida ou relataram ter vivido questões parecidas com as que foram abordadas na exposição/apresentação. Estar junto e acompanhando essas recepções diversas também me deixaram emocionada, por perceber como podemos com nossas produções atingir as outras pessoas. Assim como, dependendo do lugar e do ponto de vista a compreensão também é alterada (Gama, 2016). Há também de se destacar que o evento proporcionou novos contatos com colegas antropólogas e antropólogos, de diversos países, interessadas e interessados em trocar experiências sobre propostas investigativas de/em antropologia visual, antropologia compartilhada e de educação de jovens e adultos.

Foi uma vivência incrível apresentar e compartilhar essa criação na VII ALA, agradecemos imensamente o convite da Comissão Organizadora do Congresso da Associação Latinoamericana de Antropologia.

Referências

- AKRICH, Madeleine. Como descrever os objetos técnicos? *Boletim Campineiro de Geografia* 4(1): 161-183, 2014. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2516/pdf_v4n1_MadeleineAkrich. Acesso em: 04 maio. 2025.
- APPADURAI, Arjun. *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012 (1984).
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994a.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade. In: BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994b.
- BENJAMIN, Walter. Experiência In: BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000*. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e Jovens e Adultos. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2018.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo Demográfico 2022*, DF: IBGE, 2023.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2023*. Brasília, DF: Inep, 2023.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2022*. Brasília, DF: Inep, 2022.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002.
- C. DAWSEY, John. Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas. *Campos - Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 17–25, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/7322>. Acesso em: 04 maio. 2025.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. A Memória como Espaço Fantástico. *ILUMINURAS*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 2000. DOI: 10.22456/1984-1191.8926. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/8926>. Acesso em: 15 jun. 2025.

ECKERT, Cornélia.; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Memória, narrativa e as histórias do mundo. *ILUMINURAS*, Porto Alegre, v. 2, n. 3, 2001. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9115>. Acesso em: 5 maio. 2025.

ECKERT, Cornelia. "Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica." In *Etnografia da Duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. Ana Luiza Carvalho da Rocha /Cornelia Eckert. Porto Alegre: Marcovisual. 2013

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Orgs). *Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta*. 12ªed. São Paulo: Cortez, 2011.

GAMA, Fabiene. Sobre emoções, imagens e os sentidos: estratégias para experimentar, documentar e expressar dados etnográficos. *RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 15, n. 45, p. 141-157, dezembro de 2016. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse>. Acesso em: 03 jun. 2024.

HADDAD, Sérgio. *Relatório preliminar de pesquisa: a situação da educação de jovens e adultos no Brasil*. São Paulo: Mimeo, 2006

INGOLD, Tim. *Antropologia. Para que serve?* Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

INGOLD, Tim. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano, *Ponto Urbe*, 3. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1925>. Acesso em: 02 abr. 2024.

MEC. Ministério da Educação. *MEC lança pacto nacional para valorização da EJA*. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/junho/mec-lanca-pacto-nacional-para-valorizacao-da-eja>. Publicado em: 06/06/2024. Acesso em: 07 jun. 2024.

MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Tradução: Renato Aguiar. - Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NOLETO, Rafael da Silva. Antropologia e Performance: Ensaios Napedra. *Ponto Urbe* [Online], 16 | 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2714>. Acesso em: 04 maio. 2025.

PAVEI, Katiuci. Entre trajetos e trajetórias estudantis da educação de jovens e adultos. *Fotocronografias*. Banco de Imagens e Efeitos Visuais. UFRGS., Porto Alegre, v.10 n. 24. 2024a. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/fotocronografias/article/view/142249>. Acesso em: 04 maio. 2025.

PAVEI, Katiuci. EJA do Cap/UFRGS: lugar de retorno, resgate, recomeço e reconhecimento. *Cadernos do Aplicação*, UFRGS. Porto Alegre, v. 37, 2024b. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/139741>. Acesso em: 22 set. 2024.

PAVEI, Katiuci. Na EJA, professora realiza trabalho com fotos para demonstrar o papel da escola. *Instituto Porvir*: São Paulo 2021 Disponível em: <https://porvir.org/na-eja-professora-realiza-trabalho-com-fotos-para-demonstrar-o-papel-da-escola/> Acesso em: 22 set. 2024.

PAVEI, Katiuci. Visualidade e visibilidade da EJA do CAP/UFRGS. *Cadernos do Aplicação*. UFRGS. Porto Alegre, v. 32 n. 2, 2019(a). p. 101-110. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoaplicacao/article/view/95459>. Acesso em: 22 set. 2024.

PAVEI, Katiuci. Visualidades da EJA do CAP/UFRGS: registros de um processo criativo. *Revista Perspectivas em educação básica*, RJ. v. 3, 2019(b) p. 220-227. Disponível em: perspectivaseducacao.blogspot.com. Acesso em: 22 set. 2024.

PAVEI, Katiuci. Múltiplos lugares da Sociologia na Educação de Jovens e Adultos: relato de experiência do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. In: Cristiano das Neves Bodart; Roniel Sampaio-Silva. (Org.). *O Ensino de Sociologia no Brasil*. 1ed.Maceió: Café com Sociologia, 2019 (c) , v. 2, p. 155-178.

PAVEI, Katiuci; MELLO, Pedro Dionizio de. Discutindo desigualdades de gênero no mercado de trabalho em uma turma de EJA. *Revista Café com Sociologia*. v.7. n. 3, ago./dez. 2018, p.10-16.

PINK, Sarah. *Doing Visual Ethnography*. London: Sage, 2007.

PINK, Sarah. *What is Sensory Ethnography In National Center for Research Methods* 2010. [Streaming video] Disponível em: https://www.ncrm.ac.uk/resources/video/RMF2010/pages/18_Sensory.php Acesso em: 22 set. 2024.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Um olhar antropológico sobre a aprendizagem. In: GROSSI, Ester Pillar (org.) *Ensinando que todos aprendem: fórum social pela aprendizagem*. Porto Alegre: GEEMPA, 2005.

SENADO FEDERAL. *Siga Brasil: Orçamento*. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/orcamentosigabrazil>. Acesso em: 01 maio. 2024

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera; MEDRADO, Benedito. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. *Psicologia & Sociedade*, v. 1, n. 26, 2014.

TURNER, Victor. *From Ritual to Theatre: the human seriousness of play*. New York: PAJ Publications. 1982.

TURNER, Victor. *The Anthropology of Performance*. New York: PAJ Publications. 1987